

CORPO DE FUZILEIROS NAVAIS E SEUS COMANDOS ANFÍBIOS

Primeiro derrube a parede psicológica erguida entre as Forças de Operações Especiais e as outras organizações militares. Segundo, eduque o resto das Forças Armadas – dissemine um reconhecimento e entendimento sobre as ações das Forças de Operações Especiais... e a importância da sua missão. Finalmente, integre os esforços das Forças de Operações Especiais em todo o espectro de nossas possibilidades militares.

Almirante Willian J. Crowe Jr., 1986

LEONARDO **BARBOSA** CABRITA*
Primeiro-Sargento-FN-MO

SUMÁRIO

Introdução
Operações Especiais – Procedência Histórica
Operações Especiais no Brasil
Corpo de Fuzileiros Navais e seus Comandos Anfíbios
Perspectivas das Operações Especiais
Conclusão

INTRODUÇÃO

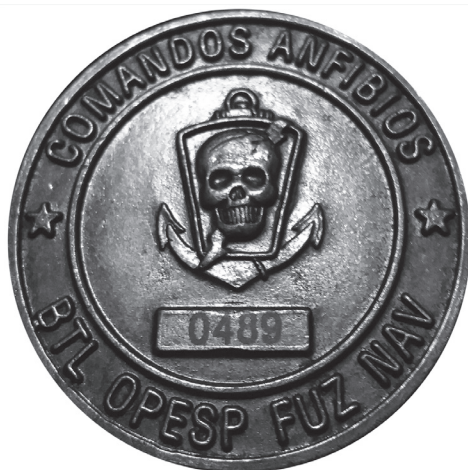
O presente artigo tem o propósito de apresentar algumas considerações sobre o processo de criação dos chamados Comandos ou Operações Especiais (OpEsp), que são compostos de pequenos efetivos, dotados de grande capacidade física e emocional, de espírito de corpo e especialmente selecionados e treinados.

No mundo contemporâneo, são elementos extremamente positivos no enfrentamento de crises ou conflitos de caráter eminentemente não convencional, em

ambientes caracterizados por alto grau de sensibilidade política, grande complexidade psicossocial e elevado grau de sigilo. Além disso, são capazes de projetar poder e obter vitórias rápidas com menores perdas de homens e com grande impacto sobre o inimigo.

Nesta situação, as unidades de Operações Especiais surgem como instrumento ideal para esse novo tipo de engajamento em um meio caótico, compatível com as novas exigências estratégicas no século XXI. Destacam-se, neste contexto, pela ênfase dirigida à questão da segurança,

* Realizou o Curso de Comandos Anfíbios em 1997. Graduado em História na Universidade Estácio de Sá-2010, fez curso de Especialização em História Contemporânea e em Relações Internacionais na Universidade Cândido Mendes 2012 e 2013. Serve no Comando do Primeiro Distrito Naval.



Símbolo dos Comandos Anfíbios**

antecipando-se às crises e avaliando situações.

OPERAÇÕES ESPECIAIS – PROCEDÊNCIA HISTÓRICA

Desde o início de nossa convivência em grupos, tivemos os primeiros soldados, que eram nesta fase os caçadores. Depois, para a defesa das pequenas sociedades e de suas terras, começaram a surgir os guerreiros, que protegiam os territórios e as aldeias de invasores. Estes eram os soldados convencionais e, dentro deste grupo de homens soldados, havia alguns destinados a seguir na frente ou ficar mais para trás, com a finalidade de darem o primeiro combate ou alertar os outros da presença do inimigo, de modo a evitar uma escaramuça do oponente em questão. Sobre estes poderíamos dizer que foram o embrião do que hoje conhecemos como “soldados especiais” do tipo “Comandos” ou “Operações Especiais”, pois deveriam

ser dotados de grande capacidade e mobilidade de combate. Deveriam possuir resistência superior aos outros para passar longos períodos sem alimentação adequada, dormindo pouco e em alerta constante, pois deles dependiam o descanso das tropas, o reconhecimento e o planejamento das batalhas vindouras.

Os comandos são uma antiga ferramenta militar, mas no passado eram selecionados de maneira diferente do que são atualmente. O que transforma um bom grupo de combate em uma fração de comandos é a habilidade de se deslocarem sem serem detectados, e isso nos traz de volta às origens dos comandos como caçadores. As habilidades de caça são o que os comandos precisam para sobreviver no território inimigo. Para tratarmos de Operações Especiais, é necessário conhecer a história dessa extraordinária tropa, em face de inúmeros fatos já registrados. As OpEsp estão entre os mais antigos e importantes princípios da guerra, em que o essencial é a “surpresa”. Em todas as épocas, a história oferece exemplos de unidades às quais foram confiadas missões audaciosas, cujo propósito era resolver uma situação ou corrigir o curso de uma batalha.

Um primeiro relato dessas unidades especiais refere-se ao guerreiro hebreu Gideão. Em 1245 a.C., ele iludiu e venceu os adversários midianitas. Gideão primeiro selecionou, entre os milhares de soldados de que dispunha, 300 combatentes de elite. Em seguida, preparou-se para ação no mais absoluto sigilo, preservando a surpresa. Sua ideia foi desorientar os adversários, em número superior, com ações simultâneas.¹

** N.A.: Moeda representativa dos que concluem o Curso de Comandos Anfíbios. O número estampado corresponde ao autor do artigo e cada militar que conclui o curso recebe número a si relacionado.

¹ Bíblia de Estudo Temas e Concordância/Roswell D.Hitchcock; Rio de Janeiro: 2005, Velho Testamento, livro de Juizes, cap.07.

Outro exemplo bem conhecido de uma missão de comandos aconteceu há mais de três mil anos, quando um grupo de gregos escondidos em um cavalo de madeira foi deixado do lado de fora dos portões de Troia. Os troianos, acreditando que o Exército grego havia desistido do seu cerco e estava indo embora, pensaram que o cavalo de madeira era uma maneira de reconhecimento da vitória troiana. O povo de Troia arrastou o cavalo para dentro da cidade e preparou uma grande celebração. Então, enquanto todos estavam dormindo, as tropas gregas escondidas mataram os poucos guardas troianos, abriram os portões da cidade e deixaram que o Exército grego entrasse. Essa foi uma clássica operação de comandos. O fato está registrado na *Iliada* e na *Odisséia*, de Homero, em que a Operação Cavalo de Troia foi levada a cabo pelo lendário Aquiles e seus Mermidons (Bravos Guerreiros). Existe uma verdadeira mina de exemplos de ações que hoje qualificaríamos como Operações Especiais. Na Roma Antiga, aperfeiçoou-se a combinação seleção, treinamento, boa liderança e longo tempo de serviço para preparar suficientes soldados perfeitos, capazes de manter o Império por milhares de anos.

Na Europa, no final do século XVII, apareceram as tropas leves e os destacamentos de batedores (Infantaria Ligeira, na Alemanha). Essas novas formações atendiam à preocupação tática de conhecer a situação, cobrir as comunicações e desgastar o inimigo. Uma de suas primeiras utilizações deu-se na França, em 1702 e 1703, durante a revolta dos protestantes do Languedoc e de Cevenas, chamados *camisards*. Outras guerras aconteceram ao longo do século XVII, tanto na Europa como

na América do Norte. No Novo Mundo, os enfrentamentos pela supremacia entre França e Grã-Bretanha multiplicaram as ações de guerrilha. No século XVIII, na Guerra de Independência norte-americana e na Revolução Francesa também ocorreram numerosas ações irregulares.

Durante a expansão colonial do século XIX, os exércitos europeus engajados além-mar tiveram que adaptar suas táticas para derrotar adversários que lhes eram frequentemente inferiores em número e material. Descobriram, assim, as operações de contraguerrilha, tendo os britânicos as empregado durante a Guerra dos Bôeres, na África do Sul.²

No fim do século XIX, a Guerra dos Bôeres mudou o Exército britânico de maneira profunda. As táticas de comandos lhes atraíam, tanto pelo uso de armas quanto pela organização. Os britânicos sofreram várias derrotas na luta contra os Bôeres, pois ainda estavam presos a velhas formas de combate em que os ataques seguiam formas rígidas mais adequadas à época das Guerras Napoleônicas. Os ingleses mudaram suas táticas e seus uniformes e desenvolveram um gosto pelas operações “tipo comandos”, de deslocamento rápido e de ataques agressivos.

Além disso, os instrumentos que tornaram os comandos modernos foram, por exemplo: as aeronaves, os navios rápidos, as armas automáticas e os explosivos, criados no século XX. De fato, o conceito moderno de soldados profissionais desenvolveu-se na Europa e, depois disso, expandiu-se por todo o planeta.

A Primeira Guerra Mundial (1914-1918) teve um curso tão terrível, e suas consequências foram tão catastróficas, que resultou em uma escalada global de tecno-

2 *História Geral da África, VI: África do século XIX à década de 1880*. Editado por J. F. Ade Ajayi. Brasília: Unesco, 2010.

logia militar e ali viu-se o primeiro uso em larga escala de técnicas básicas dos comandos. A Guerra começou inesperadamente em 1914. Os europeus foram confrontados com uma situação crítica desconhecida até então: as trincheiras, envenenamento a gás, reconhecimento e bombardeio aéreo, carro de combate, fogo de artilharia concentrado, elaboração dos planos de ataque e fortificações inteligentes.

Nos primeiros anos de guerra, as táticas caíram em um padrão cansativamente redundante. Massas de tropas moviam-se pelo fogo de metralhadoras e artilharia, e seus defensores tinham uma vantagem enorme: suas posições eram trincheiras bem construídas, inclusive com abrigos (*bunkers*), que suportavam o bombardeio de artilharia. Após esse período da guerra, as tropas francesas, alemãs e britânicas desenvolveram táticas melhores, tais como a dos franceses de ataque de pequenas unidades, mais tarde conhecidas como táticas de infiltração. Os alemães organizaram destacamento de assalto (*Stosstruppen*) e os ingleses aprenderam que apenas tropas regulares não podiam derrotar um exército de guerrilheiros e desenvolveram um gosto pela operação de comandos: “deslocamento rápido e de ataques agressivos”.

A Primeira Guerra Mundial, por todo o seu crítico combate de trincheira e sua reputação de pensamentos controversos, foi uma estufa de novas ideias que levou soldados a pensarem em novas táticas de combate para novas guerras. Perdida no meio de tudo isso estava a criação das primeiras unidades modernas dos comandos.

Naquele conflito, um belo exemplo de elemento de OpEsp são as proezas do inglês Lawrence da Arábia, quando trabalhou no serviço de informações

do Exército britânico, mais especificamente em um quartel-general instalado no Egito. Já com a patente de coronel, registrou seu conhecimento sobre táticas de guerrilha, focando no valor ofensivo das mesmas para enfraquecer as linhas de suprimento turcas. Relatou, no livro *Os Sete Pilares da Sabedoria* (1926), como mobilizou de forma ampla o sentimento nacionalista árabe contra a Turquia, alcançando uma vasta publicidade. É curioso notar que comandantes dos Estados Unidos da América (EUA), na recente Guerra do Iraque, orientaram-se com os relatos de T. E. Lawrence sobre a guerra no século XX.³

Os russos são um exemplo de mente aberta para fazer coisas originais na política e na guerra. Foram eles que reviveram o antigo esporte grego e chinês do paraquedismo. No ano de 1930, em manobras do Exército russo, um pequeno corpo de paraquedistas pousou bem atrás de uma ostensiva linha de batalha, na qual deveriam tomar posição, e acabou por capturar um quartel-general. Dessa forma, o paraquedismo, desde 1939, tornou-se uma forma perfeitamente reconhecida e estabelecida de guerra.

Quando a Segunda Guerra Mundial começou, no final de 1939, iniciou-se a era de ouro para os comandos, como também para o desenvolvimento e criação da maior parte dos conceitos que são empregados até hoje e que estão difundidos na maioria das Forças Armadas das nações. O verdadeiro estilo comandos foi criado por iniciativa e esforços de alguns indivíduos empreendedores. O enérgico primeiro-ministro da Inglaterra durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), Winston Churchill, e o Tenente-Coronel da Artilharia Real Dudley Clarke incrementaram

3 *O Estado de S. Paulo*, 8 jun. 2005, p. A18. Publicado originalmente no *The Sunday Times*.

a formação de uma força que fosse capaz de levar a guerra ao continente europeu, enquanto as forças britânicas e aliadas preparavam-se para reconquistar a Europa.

Os britânicos tinham uma boa tradição de operações de incursão, especialmente ao longo dos dois últimos séculos, principalmente das guerras dos Bôeres e na Primeira Guerra Mundial. A Inglaterra sempre manteve um nível alto de treinamento para suas tropas militares de operações de comandos, que frequentemente eram solicitadas para destruir, com explosivos, estruturas como pontes e prédios e equipamentos do inimigo. Pelo fato de os comandos realizarem a maior parte de ataques pelo mar, existia um treinamento anfíbio frequente em praias visando destruir minas.

Em 1945, todas as unidades de comandos do Exército foram dispensadas, e a maior parte dos comandos da Marinha também; só os Royal Marines (Fuzileiros Navais) continuaram suas tradições. Comandos atuais das Forças Armadas britânicas desenvolveram-se a partir dos comandos britânicos durante a Segunda Guerra Mundial. Daquele ponto em diante, percebeu-se que uma nova organização, o Serviço Aéreo Especial (SAS), criado em 1952 e reativado para lidar com a guerrilha comunista na Malásia, então uma colônia britânica, era útil em tempo de paz e, desde então, tem estado em operação. Após isso, os norte-americanos, que viram essa nova forma de guerra em ação na Segunda Guerra Mundial, criaram as suas atuais Forças Especiais.

Vale reconhecer que os alemães, na Primeira Guerra Mundial, utilizaram tropas especializadas ao criarem uma unidade de tropa altamente treinada e apli-

cada, os *brandenburgers*, que atuaria em território inimigo para conquistar pontos vitais e outras instalações importantes. Em 1944, fora convertida em infantaria motorizada (*panzergrenadiers*). No fim da guerra, os *brandenburgers* foram dissolvidos e transferidos para uma unidade de comandos Schutzstaffel (SS), do oficial nazista Otto Skorzeny, um especialista em Operações Especiais durante a Segunda Guerra Mundial. Este era considerado pelos Aliados como “o homem mais perigoso da Europa”. Tal fama era devida às várias operações de sabotagem, espionagem e resgate comandadas por ele, como a Operação Greif, durante a Batalha das Ardenas, a Operação Carvalho e a libertação de Benito Mussolini.⁴

Na Segunda Guerra Mundial, a tática de guerrilha difundiu-se ao ponto de se tornar um recurso universal. Para a contenção da ameaça comunista, os ocidentais ficaram mais dependentes das armas convencionais. O Presidente norte-americano, John F. Kennedy (1961-63), orientou seu secretário de Defesa, Robert S. McNamara, a expandir rapidamente e substancialmente, em cooperação com os países aliados, a orientação das forças existentes para a conduta de guerra não-nuclear, operações paramilitares e guerras não convencionais.⁵

Assim, da Antiguidade até as vésperas da Segunda Guerra Mundial, as operações especiais foram numerosas, embora seu caráter secreto as tenha frequentemente ocultado dos historiadores. A partir desse conflito, elas assumem caráter institucional dentro das Forças Armadas. Daí em diante, a atuação dessas unidades de OpEsp intensificou-se e seu papel e seus efetivos cresceram rapida-

⁴ *Audaciosas ações de Otto Skorzeny*. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1976, Cap. XIV.

⁵ *Sob a Névoa da Guerra (The Fog of War, EUA/2003, 107 min.)*. Documentário. Direção de Errol Morris. Distribuição Sony Pictures.

mente e tornaram-se mais importantes do que jamais foram.

OPERAÇÕES ESPECIAIS NO BRASIL

No Brasil, as Operações Especiais têm sua história em um passado que remonta aos idos do século XVII, ainda na época do Brasil Colônia, por ocasião da ocorrência das invasões holandesas.

A primeira invasão holandesa ocorreu em 9 de maio de 1624, na cidade de Salvador, então sede do Governo Geral do Brasil. Em 29 de março de 1625, cerca de um ano após terem tido sucesso na conquista da capital da colônia, os holandeses se viram sitiados, por terra, por forças de guerrilha organizadas e lideradas pelo bispo de Salvador, D. Marcos Teixeira, e, por mar, por uma frota portuguesa, sob o comando de D. Fradique de Toledo Osório, ficando açoitados por terra e por mar, reduzidos à área urbana da cidade. As forças de D. Marcos eram comandadas por combatentes identificados como “capitães dos assaltos”, responsáveis pela condução de emboscadas. Entre eles destacou-se a figura do Capitão Francisco Padilha, brasileiro nato, que se notabilizou por ter conduzido inúmeras ações muito bem-sucedidas, caracterizadas pela surpresa na execução e por uma intensa ação de choque. Em uma delas, foi responsável pela eliminação do próprio governador holandês, Van Dorth. Francisco Padilha, naquele momento histórico, demonstrou uma capacitação ímpar na condução do que hoje é identificado como Ações de Comandos.

Em 1640, na segunda investida dos batavos ao território brasileiro, Antônio

Dias Cardoso, português filho de família humilde da cidade do Porto, foi enviado a Pernambuco pelo governador-geral da colônia com a missão de organizar e instruir civis luso-brasileiros com o propósito de formar uma força de resistência com potencial que possibilitasse a expulsão do invasor. O Sargento-mor Antônio Dias Cardoso recebeu a incumbência de penetrar na região da Paraíba e de Pernambuco para treinar homens.⁶ Vencendo obstáculos da natureza e ações hostis de invasores estrangeiros, obteve pleno êxito na sua empreitada. Assim, a “guerra brasílica”, que tão bons resultados iniciais apresentou, cedeu lugar à presença de profissionais com bom nível de treinamento, como ocorre atualmente em OpEsp.

Podemos observar outro histórico de Operações Especiais na chamada Guerra contra Oribe e Rosas, caudilhos sul-americanos que, na metade do século XIX, exerciam autocraticamente os governos do Uruguai e da Argentina, respectivamente. A batalha do Passo Tonelero, em 17 de dezembro de 1851, foi uma das importantes ações militares que tiveram a participação decisiva da Marinha Imperial brasileira. Esta batalha resultou na garantia da livre passagem dos navios brasileiros pelo Rio Paraná. Em uma homenagem aos heróis daquela época, uma das mais importantes unidades do CFN recebeu a denominação histórica de Batalhão Tonelero.⁷

A história das atuais Operações Especiais brasileiras remonta ao ano de 1957, quando, por iniciativa pioneira, determinação e idealismo do major paraquedista Gilberto Antônio Azevedo Silva, realiza-se o primeiro Curso de

6 FROTA, Guilherme de Andrea. *500 Anos de Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Ed., 2000, cap. “A defesa do território”, p. 142.

7 *O Anfíbio* – Revista dos Fuzileiros Navais do Brasil, nº 26, Ano XXVII, 2008.

Operações Especiais, no Centro de Instrução Especial do Núcleo da Divisão Aeroterrestre, concluído em meados de 1958, e que viria a se tornar o embrião dos futuros Comandos e Forças Especiais. Em 1961, um pequeno grupo de oficiais e sargentos paraquedistas possuidores do Curso de Operações Especiais deslocou-se para os EUA a fim de obter conhecimentos atualizados sobre o emprego de *rangers* e *special forces* do Exército norte-americano, com propósito de adaptá-los para o Exército Brasileiro.

O dia 12 de agosto de 1968 marcou significativamente a história das Operações Especiais no Exército Brasileiro. Uma portaria ministerial reconheceu oficialmente o Curso de Comandos e de Forças Especiais, que teve atuação destacada na eliminação de focos de guerrilha no Brasil nas décadas de 60 e 70, desenvolvendo, inclusive, doutrina própria de contraguerrilha aplicada e aprovada no combate a guerrilheiros no meio rural.

CORPO DE FUZILEIROS NAVAIS E SEUS COMANDOS ANFÍBIOS

O Corpo de Fuzileiros Navais é uma força de pronto emprego. Quando chamada, não tem tempo para terminar sua prontificação operativa e, muito menos, para forjar o caráter moral de suas forças. O desafio dos fuzileiros de se manterem permanentemente prontos para emprego é

O desafio dos fuzileiros de se manterem permanentemente prontos para emprego é em muito facilitado pelo culto diário dos seus valores essenciais: honra, competência, determinação e profissionalismo

em muito facilitado pelo culto diário dos seus valores essenciais: honra, competência, determinação e profissionalismo. Na combinação desses valores e no zelo para sua permanente observância assenta-se a base da capacidade operacional.

Apesar de os Fuzileiros Navais já serem considerados, em funções de suas peculiaridades operacionais, uma tropa especial, a década de 1960 parece ter, de alguma forma, sinalizado para os mais altos escalões da Marinha que chegara o momento de o CFN contar com uma unidade ainda mais especial.

Dentro do Corpo de Fuzileiros Navais da Marinha do Brasil, uma das unidades que representa toda a mística do combate anfíbio e congrega os fuzileiros especificamente preparados para a realização de Operações Especiais é o Batalhão de Operações Especiais de Fuzileiros Navais (BtlOpEspFuzNav), o Tonelero, cujos

membros são ainda mais exigidos em termos de recrutamento, instrução e adestramento, ficando conhecidos como Comandos Anfíbios, ou simplesmente ComAnf.

Assim, o Aviso Ministerial nº 751, de 9 de setembro de 1971 criou o Batalhão de Operações Especiais de Fuzileiros Navais, com sede na região do Rio Guandu do Sapê, em Campo Grande, Zona Oeste do Rio de Janeiro (RJ). À época de sua criação, o Batalhão Tonelero foi organizado e estruturado bem de acordo com a conjuntura do momento, em que as Forças Armadas e os demais organismos de segurança do Brasil vivenciavam um contexto

de defesa interna contra a subversão e o terrorismo, o que levava ao interesse do CFN em ter uma tropa mais voltada para o emprego em situação de guerra, de guerrilha ou não convencional.⁸

A partir de sua criação, o Batalhão Tonelero começou a direcionar suas atividades de instrução para as Operações Especiais. Nesse contexto, em 1972 seria formada a primeira turma de oficiais oriundos da Escola Naval no Curso de Contra guerrilha (ConGue). Ao longo dos anos, esse curso sofreu modificações em seu conteúdo e sua estrutura, passando a denominar-se, em 1998, Curso Especial de Comandos Anfíbios (CesComAnf).

Com o vulto e a importância dos atentados terroristas de 11 de setembro de 2001, em Nova Iorque e Washington, a agenda internacional passou a dar maior importância às chamadas “novas ameaças”, comumente identificadas como terrorismo; tráfico ilegal de armas, drogas e pessoas; e pirataria. Essas atividades afetam a segurança, tornando-se evidente e inevitável a necessidade de aprestamento de Operações Especiais.

Nesse contexto, os Comandos Anfíbios têm por tarefas específicas, entre suas possibilidades: realizações de infiltrações terrestres, aquáticas, aéreas ou mistas em qualquer tipo de terreno; reconhecimento de praia, itinerários, passagens de vau, pontes, túneis, obstáculos, pontos críticos,

locais de desembarque e de pouso de helicópteros; operação de postos de vigilância; realização de observação avançada dos fogos de apoio; ações de comandos, destacando-se captura, resgate, eliminação, interdição e ocupação de alvos compensadores do ponto de vista estratégico, operacional e tático em território hostil ou sob controle do inimigo; ações de reconhecimento; e retomada de instalações e resgate de reféns em tempo de paz e de crise ou conflito. Tudo para contribuir com a consecução de propósitos políticos, econômicos, psicossociais ou militares.

Os Fuzileiros Navais de Operações Especiais dão continuidade ao treinamento em função de especializar suas equipes em diferentes cursos, tais como: Curso Básico de Paraquedista, Salto Livre, Mergulho Autônomo, Mergulho de Circuito Fechado, Demolição Subma-

O adestramento dos ComAnf prevê anualmente exercícios em várias regiões do Brasil, buscando a capacitação para operar em clima frio, em montanhas, no Pantanal, na Amazônia e na caatinga

rina, Montanha, Precursor Paraquedista, Dobragem e Manutenção de Paraquedas, Mestre de Salto, Operações Psicológicas, Guerra na Selva e Caatinga. Alguns militares do Tonelero são designados para cursos no exterior, especializando-se em cursos como: All Arms Commando Course (Royal Marines), Comando de Operaciones Especiales (Marina/Espanha) e Amphibious Reconnaissance Course (US Marine Corps). O Fuzileiro Naval (FN) de OpEsp também realiza um programa de intercâmbio com OpEsp congêneres de

8 DUNNINGAN, James F. Ações de Comandos: Operações especiais, comandos e o futuro da arte da guerra norte-americana. Tradução de Solution Consult Idiomas Ltda. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2008, p.42.

outros países, o que contribui em muito para sua experiência.

O adestramento dos ComAnf prevê anualmente exercícios em várias regiões do Brasil, buscando a capacitação para operar em clima frio, em montanhas, no Pantanal, na Amazônia e na caatinga. Esse excelente processo de seleção e formação inicia-se com um período de aprendizado, podendo levar dois anos ou mais o preparo completo de um elemento de OpEsp. Os Comandos Anfíbios têm, necessariamente, diante de si, uma grande variedade de cenários operativos para os quais devem estar preparados.

Os Fuzileiros Navais de Operações Especiais já adquiriram um excepcional padrão de credibilidade pelos níveis de eficiência que atingiram ao longo de sua evolução, fundamentada em sua dedicação, abnegação e competência. As OpEsp são instrumento confiável e extremamente valioso, sobretudo na consecução das ações de caráter preventivo, dissuasório e pró-ativo para responder a qualquer ameaça ao Estado por forças não convencionais ou criminosas e para assegurar a capacidade de projeção de poder da Marinha do Brasil.

Continuando nessa linha de raciocínio, o Corpo de Fuzileiros Navais desenvolve um trabalho que deve manter um padrão de eficiência operacional que permita aos seus integrantes cumprir com excelência suas complexas missões, bem como manter um conceito altamente respeitado na comunidade nacional e internacional das Operações Especiais.

PERSPECTIVAS DAS OPERAÇÕES ESPECIAIS

Com o fim da Segunda Guerra Mundial e as novas tecnologias alcançadas, o mundo moderno se encontrou em condições de batalha nunca antes vistas. O uso do avião em larga escala como bombardeiros,

o aperfeiçoamento dos carros de combate a uma condição de supermáquinas, a artilharia com poderes destrutivos e pontaria sem igual, a ciência colaborando com o uso dos gases químicos e armamento nuclear, o homem iniciando uma fase de combates em localidades, tudo isto vem acontecendo a uma velocidade inédita na História. Mas toda tecnologia é de certa forma previsível. Porém o ser humano por trás dela é que se constitui no verdadeiro perigo. A adaptação é o segredo da nossa existência. Para cada medida em armas usadas sempre surge uma contramedida.

O curso das OpEsp é caracterizado por surpresa, dissimulação, audácia e velocidade, levadas a cabo por pequenos grupos, constituídos de elementos com diversificada habilitação. Esses elementos especializados encontram-se frequentemente em inferioridade numérica no que se refere a efetivos e poder de fogo, empreendendo ações complexas e altamente exigentes, o que requer adestramentos especializados. Sendo assim, esses soldados podem realizar ações fora do comum e devem ser empregados apenas em tarefas especiais. Seu emprego como elemento de combate convencional deve ser evitado.

O fator tempo, elemento por vezes escasso nos conflitos contemporâneos, reduz a possibilidade de uma aceitável preparação para a ação, requerendo, então, adestramentos permanentes, cautelosos e detalhados. As OpEsp são realizadas por pessoal especialmente selecionado, empregando meios não convencionais e executando ações também não convencionais com o propósito de destruir ou danificar objetivos específicos, capturar ou resgatar pessoal ou material, coletar dados, despistar e produzir efeitos psicológicos contra as forças adversas. Diante desse novo cenário, a temática militar e os estudos da guerra, como objeto, foram

levados à reflexão sobre os efeitos das mudanças. Suas teorias, doutrinas e formas de emprego começaram a ser revisadas; contudo, estão longe de sua fase madura.

Entre os fatores que explicam o poder de uma nação diante de outras estão os componentes do que chamamos de elementos do poder nacional.⁹ E o que confere importância verdadeira a esses fatores, para o fim de determinar o poder de uma nação, são o grau de preparação militar e a quantidade e a qualidade das Forças Armadas, o que as tornam capazes de apoiar as políticas externas e internas que devem ser implementadas.

Nesse contexto, observa-se uma tendência global, na grande maioria dos estados nacionais, de valorização das suas OpEsp, as quais ganham mais relevância com funções específicas de seu pessoal, constituído por soldados organizados em pequenos efetivos, dotados de excepcional espírito de corpo, potência física e emocional e especialmente selecionados, treinados e equipados.

Observamos, em todo o mundo, países que perceberam a real importância das Operações Especiais e a comprovaram em diversas oportunidades. Na atualidade, observa-se uma desconcertante diversidade de guerras separatistas, violências étnicas e religiosas, golpes de Estados, disputas de fronteiras, levantes civis e de atentados terroristas, provocando, assim, um cenário de inúmeras guerras que exige muito mais inteligência e análise e maior capacidade flexível. As OpEsp englobam elementos

de gerações de guerras anteriores, exigindo que forças militares estejam preparadas para lidar com mais esse aspecto.

Na América Latina, as organizações criminosas desafiam os Estados, e estes revelam-se cada vez mais incapazes de reduzir a violência nos territórios sob sua responsabilidade. A isso se segue uma diminuição da autoridade dos governos em prol de um aumento do poder de organizações criminosas. Neste sentido, é fundamental que o Corpo de Fuzileiros Navais faça uma análise apurada da situação atual que estamos vivendo.

Unidades de Operações Especiais experientes constituem um instrumento discreto do Poder Nacional. Líderes militares estariam mais

bem instruídos a usá-las em missões do Poder Nacional para as quais estão excepcionalmente qualificadas para operar em tempo de paz ou de guerra.

Embora tropas de Operações Especiais não custem pouco,

elas vêm sendo projetadas durante muito tempo. Países de primeiro mundo têm, nos últimos séculos, investido cada vez mais em recursos e tecnologia em soldados de Operações Especiais, que com sua capacidade e flexibilidade, podem ser empregadas nos conflitos convencionais e não convencionais, mas com eficácia e eficiência excepcionais.

Seu adestramento e suas habilidades especiais permitem que operem em situações em que unidades convencionais não podem ser usadas, por motivos políticos ou militares. Desta forma, sua prioridade é

O emprego eficiente das unidades de Operações Especiais proporciona a deterioração das capacidades militares do inimigo

9 MORGENTHAU, Hans J. *A política entre as nações: a luta pelo poder e pela paz*. IPRI, 2003.

usar a astúcia em vez da força bruta. Para isso, possuem habilidades e adestramento especiais em operações secretas, não encontradas em outro segmento das Forças Armadas.

Sob circunstâncias favoráveis, as OpEsp podem confirmar indícios colhidos por outras agências e providenciar as informações que faltavam ser identificadas pelos métodos convencionais. Estas Forças empregam vários meios para coletar informações por meio de contatos e relacionamentos formais e preenchem várias lacunas, auxiliando o comandante da Força Convencional a compreender a situação, particularmente nas áreas mais complexas de segurança e conflitos.

O emprego eficiente das unidades de Operações Especiais proporciona a deterioração das capacidades militares do inimigo, por meio de ações contra a sua infraestrutura logística, seus sistemas de comando e controle

e de defesa aeroespacial, obrigando este inimigo a empregar muitos meios na sua defesa de retaguarda. Exemplificando sua capacidade de cumprir missões nos níveis mais elevados de condução da guerra, unidades de OpEsp experientes podem atacar sítios confirmados de armas de destruição em massa, quando mísseis e outros ataques convencionais aéreos não forem apropriados. Da mesma forma, podem neutralizar baterias de mísseis das quais o inimigo esteja se valendo para negar o uso do mar ou sabotar uma linha férrea utilizada para o transporte de suprimentos inimigos.

Operações de ação direta, sabotagem, subversão e apoio de informação melhoram o entendimento do espaço de combate pelo comandante da força apoiada, dificultando ao inimigo o entendimento equivalente. Ao aumentar o atrito e a confusão da guerra para o adversário, as unidades de Operações Especiais reduzem a velocidade e a eficácia do processo decisório inimigo, melhorando, ao mesmo tempo, as do comandante apoiado. Na verdade, o emprego e a aplicação criteriosa das operações especiais no início de um combate poderão eliminar ou reduzir significativamente o emprego das forças convencionais.

Várias vantagens do emprego das

unidades de Operações Especiais são evidentes. Unidades pequenas operam com eficiência em circunstâncias severas, com baixos requisitos em infraestrutura de apoio. Automotiváveis, praticamente autosuficientes e extremamente adestradas, especialmente

**Questões político-militares
podem demandar o recurso
a técnicas clandestinas
ou discretas, aceitando
um nível de risco físico e
político incompatível com as
operações convencionais**

OTAN

aquelas com conhecimento de idiomas e múltiplas culturas, são idealmente adaptadas para muitas missões que as forças convencionais não podem assumir com tamanha eficiência e economia de meios dentro da “zona nebulosa” entre a paz e a guerra.

Contudo, o comandante que enquadre e priorize suas OpEsp deve considerar seriamente as características dessas operações, em que o fracasso, em algumas dessas situações, é tão possível quanto o sucesso. Portanto, seu emprego deve ser judicioso, com objetivos e propósitos cujos valores o justifique.

Diante dessas ideias gerais, o cenário estratégico futuro, que começa a se definir, torna-se um ambiente amplo, diversificado e, acima de tudo, extremamente favorável à condução das missões de caráter especial.

Como já foi visto, unidades de Operações Especiais não são novidade. Um conceito muito utilizado, embora tenha sofrido algumas adaptações relacionadas à evolução dos conflitos, seria a definição da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) no documento AAP-6, de 2003: “Atividades militares conduzidas por forças especialmente designadas, organizadas, treinadas e equipadas, que utilizam técnicas operacionais e modos de ações não habituais para as forças convencionais. Essas atividades são desenvolvidas em toda a gama de operações das forças convencionais, em

coordenação com elas, para atingir propósitos políticos, militares, psicológicos ou econômicos. Questões político-militares podem demandar o recurso a técnicas clandestinas ou discretas, aceitando um nível de risco físico e político incompatível com as operações convencionais”.¹⁰

O campo de batalha atual demanda operações desenvolvidas de forma coordenada e controlada e o crescente desdobramento de forças multinacionais nos mais diversos ambientes operacionais, envolvendo tropas de Estados nacionais integrantes de organismos internacionais ou de coalizões temporárias, especifica-

mente estabelecidas para a consecução de projeção de poder. Nesse contexto, avultam o crescente valor da mobilidade estratégica e o estabelecimento, cada vez mais, de operações especiais em diferentes ambientes operacionais.

Ao redor do mundo, nações estão comprando a ideia de que soldados voluntários, altamente treinados, são o melhor caminho para projetar poder. Mesmo países pacíficos e democráticos, cujas estruturas políticas e estratégicas crescem a cada dia, não podem se alienar da prevenção à ameaça da paz e da segurança, dentro e fora do território nacional. Exemplo disso é

a ideia do Pentágono, levantando uma proposta que os aliados dos Estados Unidos estão olhando com atenção para criar uma rede mundial de forças especiais. Essas unidades estão, mais do que nunca, no centro das intervenções militares internacionais.

Os exércitos que buscam lograr êxitos no campo de batalha do futuro devem considerar seriamente suas opções em operações especiais

nais. O assunto foi discutido em Paris, nos dias 6 e 7 de novembro de 2012, durante o encontro entre os estados-maiores da França e dos EUA, e em um seminário que marcou o 20º aniversário do Comando das Operações Especiais (COS, sigla em francês).¹¹

A guerra do século XXI reserva à OpEsp, incontestavelmente, um papel de destaque, demonstrando serem elas extremamente positivas nos desdobramentos desses conflitos que hoje e sempre tiveram um papel preponderante, seja liderando ou apoiando uma tarefa específica a ser conduzida, acompanhando a tendência global desses conflitos. Os exércitos que

10 DENÉCÉ, Eric. *A história secreta das forças especiais: de 1939 a nossos dias*. Tradução de Carolina Massuia de Paula. São Paulo: Larouse do Brasil, 2009, p. 234.

11 Reportagem de Nathalie Guibert, publicada pelo jornal *Le Monde* e reproduzida pelo Portal UOL, 20/11/2012.

buscam lograr êxitos no campo de batalha do futuro devem considerar seriamente suas opções em operações especiais.

CONCLUSÃO

Para a ação militar de defesa do Estado, o cenário internacional tornou-se mais complexo e incerto com o aumento e a modificação nas sensibilidades e nas vulnerabilidades, uma verdadeira fragmentação política do tabuleiro das nações, exigindo que a segurança nacional tenha agora uma abordagem multidimensional. Este trabalho teve por propósito apresentar um entendimento sobre as Operações Especiais do Corpo de Fuzileiros Navais, que assegura o poder como instrumento de ordem, mesmo em uma sociedade democrática cujas mudanças em curso,

nos últimos séculos XIX e XX, abalaram as certezas construídas, provocaram ecos e projetaram sombras desse passado recente sobre a política, a economia e a sociedade, trazendo incertezas e complexidades e desafiando o pensamento contemporâneo.

No que se refere à segurança, seremos obrigados a realizar um gradual esforço devido às ameaças e aos desafios à segurança humana do século XXI. Devemos chegar ao fim do século com um dispositivo de segurança militar capaz de garantir a nossa proteção das rotas marítimas, aéreas e terrestres e dispendo de uma força dissuasiva de alta mobilidade.

A manutenção e o controle do aparato militar sobre tais aspectos tornam-se ponto de convergência para as ações de médio e longo prazo na projeção e no aumento do quociente de poder nacional, servindo como alavanca para se estudar os meios e as formas de melhor preparar os Estados para eventualidades de conflitos armados por meio de sistemas de planejamento e exercício de força.

Apesar de o discurso dominante ser global, com pretensão de homogeneidade, o renomado cientista político Samuel Phillips Huntington apresentava uma

teoria do paradigma do caos: o enfraquecimento dos Estados e a aparição de “Estados fracassados” intensificando conflitos tribais, étnicos e religiosos, o surgimento de máfias internacionais, o aumento de refugiados, proliferação de armas nucleares

**No que se refere à
segurança, seremos
obrigados a realizar um
gradual esforço devido
às ameaças e aos desafios
à segurança humana do
século XXI**

e outras de destruição em massa, a expansão do terrorismo, a prevalência de massacres e de limpezas étnicas. Esse quadro contribui para uma imagem de anarquia no mundo.¹² Na esfera militar, o surgimento da guerra não convencional transcende o campo da especulação e da experimentação, pois o ataque agora pode estar sempre iminente e ser desferido por qualquer agente, trazendo para o debate a chamada Guerra Assimétrica.

Os aparelhos de defesa militar, como corpos permanentes dos Estados, refletem a defesa dos interesses e dos projetos nacionais perante um conflito assimétrico, carac-

12 HUNTINGTON, Samuel P. *O choque de civilizações e a recomposição da Ordem Mundial*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997, p. 37.

terístico do século XXI. Este processa-se em ambientes operacionais extremamente fluidos, com a presença de coalizões, alianças, parcerias e novos atores, e cada vez mais organizado em torno de crenças e ideologias, e não mais da localização geográfica. Os confrontos armados são utilizados como formas de imposição de vontades fundamentadas nas mais variadas motivações, e no fundo apresentando profundas incompatibilidades entre si. Essas motivações, em função da avaliação de diferentes perspectivas culturais, profundamente heterogêneas e, muitas vezes conflitantes, tornam-se incompreensíveis e absolutamente injustificadas.

As presentes ameaças estão produzindo uma modificação radical no perfil do preparo dos militares em todo o mundo. Os conflitos armados do século XXI estão a exigir soldados cada vez mais profissionais, capazes de enfrentar um inimigo convencional num determinado momento, para, logo no momento seguinte, fazer face a um inimigo irregular e, em seguida, engajar-se nas atividades de assistência humanitária e reconstrução das instituições e infraestruturas básicas da governança local. Desse modo, percebe-se uma luta constante pela conservação do *status quo* e pelo aumento do poder. Nota-se, contudo, que as circunstâncias mudaram. O uso da força voltou a ser considerado não como possível, mas como de fato empregado, como se pode observar no atual momento histórico.

O século XXI está prestes a ver tropas mais selecionadas, intensamente treinadas e bem equipadas, tornando-se uma projeção de poder contra situações em que o país possa se encontrar, sendo tão úteis em tempos de paz e desejadas em tempo de guerra. Isso é o fator pela qual a maioria dessas nações democráticas encoraja os políticos a investirem em unidades de

Operações Especiais a fim de reduzir as perdas em conflitos, assegurando, assim, a certeza de sua eficiência, tendo como exemplo vários países no mundo.

O sucesso das Operações Especiais deve-se a uma equação aparentemente simples entre a economia de força e a liberdade de ação. Seus chefes exaltam sua formidável relação custo-eficácia. Para um Estado nacional emergente como o Brasil, candidato ostensivo a um assento permanente no Conselho de Segurança das Nações Unidas e que pretende ter, a cada dia, sua estrutura política estratégica incrementada, não há a menor dúvida de que precisará estar preparado para defender-se não somente das agressões, mas também das ameaças e para fazer face às crises e aos conflitos característicos do presente século.

As unidades especiais surgem como instrumento ideal para esse novo tipo de engajamento em meio caótico. O alto nível de qualificação de seu pessoal, seu treinamento intensivo, suas táticas de ação particulares e seus equipamentos de ponta as predispõem naturalmente à utilização de tecnologias modernas, às ações autônomas e ao combate descentralizado, em meio urbano ou em área hostil. Elas são formadas sob medida para enfrentamento da imprevisibilidade das situações, pois podem reagir rapidamente, engajar-se discretamente, efetuar ações com alvos bem definidos, autonomamente ou em conjunto com as forças convencionais.

A análise de cenários prospectivos indica ser cada vez mais fundamental a existência de forças de pronto emprego, com permanente prontidão operacional e capacidade de projeção de poder nas áreas de interesse estratégico do País e para atender a uma extensa gama de demandas operacionais.

A versatilidade e a flexibilidade conferidas pelo conceito de emprego

por meio de OpEsp, capazes de rapidamente se adaptarem a diferentes perfis de missões, atuando em todo o espectro da segurança nacional, seja em ações humanitárias, no combate às novas ameaças, seja no combate convencional, serão fatores preponderantes para serem a melhor opção de emprego de força estratégica da Nação. E essa opção terá uma envergadura compatível com a estatura político-estratégica do país que está se adaptando e consolidando a atender os interesses em questão.

Desde já, é preciso se trabalhar firme para montar o adequado instrumental de defesa. É uma empreitada árdua, que

exige preparo de seus formuladores e executores. As unidades de Operações Especiais são instrumentos confiáveis e extremamente valiosos, sobretudo na consecução das ações estratégicas de caráter preventivo e dissuasório. É uma realidade que não podemos ignorar em nossa luta pelo crescimento do Brasil. Vive-se em um mundo em que a intimidação tripudia sobre a boa-fé, e nossa estratégia de formulação de política nacional deve ser pautada no binômio desenvolvimento-segurança, inevitavelmente inclinada ao aumento de nossa soma de responsabilidade na ordem internacional.

CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<FORÇAS ARMADAS>; Corpo de Fuzileiros Navais; Operações Especiais; Poder Militar;

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARON, Raymond. *Paz e guerra entre as nações*. Brasília: UnB, 2003.
- CLAUSEWITZ, Carl Von. *Da Guerra*. Tradução Maria Teresa Ramos; preparação do original Maurício Balthazar Leal. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- DENÉCÉ, Eric. *A história secreta das forças especiais: de 1939 a nossos dias*. Tradução de Carolina Massuia de Paula. São Paulo: Larouse do Brasil, 2009.
- DUNNINGAN, James F. *Ações de Comandos: Operações especiais, comandos e o futuro da arte da guerra norte-americana*. Tradução de Solution Consult Idiomas Ltda. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2008.
- FOOT, M. R. D. "Special Operations/I e Special Operations/II". In: ELLOTTBATEMAN, Michael (ed.). *The Fourth Dimension of Warfare*. Volume I: Intelligence, Subversion, Resistance. New York: Praeger Publishers, 1970.
- FROTA, Guilherme de Andrea. *500 Anos de Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Ed., 2000.
- HOBBS, Thomas. *Leviatã*. Organizado por Richard Tuck. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- HUNTINGTON, Samuel P. *O Choque de Civilizações e a Recomposição da Ordem Mundial*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.
- KEEGAN, John. *Uma história da Guerra*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, coedição – Companhia das Letras, 1995.
- LIDDELL HART, Basil Henry. *Guerrilla War – Strategy*. New York: Meridian, 1991, pp. 361-370.
- MATTOS, Carlos Meira. *A Geopolítica e as projeções de Poder*, prefácio de Luís Viana Filho. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1977.
- MORGENTHAU, Hans J. *A política entre as nações: a luta pelo poder e pela paz*. IPRI, 2003.
- NYE, Joseph S. *Cooperação e conflito nas relações internacionais*. São Paulo: Editora Gente, 2009.
- TZU, Sun. *A Arte da Guerra*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2006.
- VISACRO, Alessandro. *Guerra irregular: terrorismo, guerrilha e movimentos de resistência ao longo da História*. São Paulo: Contexto, 2009.
- WALTZ, Kenneth N. *O homem, o Estado e a guerra*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.